

3º TEMA – OS REGISTROS AKÁSHICOS (TEXTO COMPLEMENTAR)

Registros Akáshicos¹

Os Registros Akáshicos (do sânscrito ākāśa, "céu", "espaço" ou 'æther') às vezes são descritos como a "memória da natureza". A matéria sutil que compõe os diferentes planos do cosmos tem a capacidade de receber e registrar "impressões" de tudo o que acontece no plano terrestre. Esses registros, que podem ser vistos por alguns videntes, existem em vários planos. Os registros no plano astral (ou luz astral) são considerados fragmentários e não confiáveis. Os preservados no plano mental, embora mais difíceis de acessar, são considerados precisos.

Descrição geral

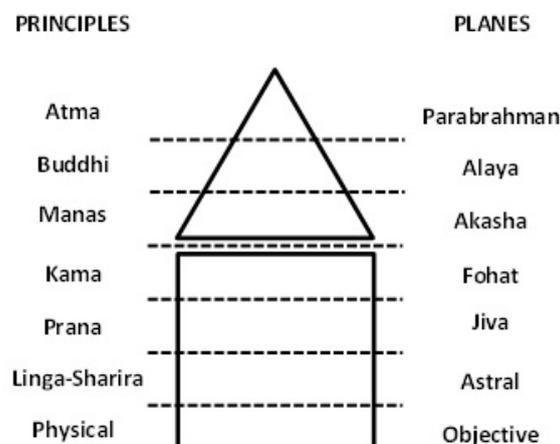
Os registros akáshicos foram mencionados pela primeira vez em 1881, no livro do Coronel Olcott, **O Catecismo Budista**. Lá, ele fala sobre "uma permanência de registros no Akasha, e a capacidade potencial do homem de ler o mesmo quando ele evoluiu para o estágio de verdadeira iluminação individual".

Um exemplo dessa habilidade pode ser encontrado em uma das cartas de Mahatma KH Referindo-se a uma acusação de plágio recebida pelo Mestre, ele explicou o seguinte a Alfred Perci Sinnett:

Tenho o hábito de citar frequentemente, sem as aspas - do labirinto do que obtenho nos incontáveis fólios de nossas bibliotecas akáshicas, por assim dizer - de olhos fechados. Às vezes, posso emitir pensamentos que verão a luz anos depois; em outras ocasiões o que um orador, um Cícero pode ter pronunciado eras antes, e em outras, o que não foi apenas pronunciado por lábios modernos, mas já escrito ou impresso - como no caso Kiddle. [1]

Formação dos registros

O clarividente Charles Webster Leadbeater explicou que "todo objeto, sem dúvida, emite radiações em todas as direções, e é precisamente dessa maneira... que os registros akáshicos parecem ser formados. [2]



¹ Disponível em: https://theosophy.wiki/en/Akashic_Records. Acesso em: 29 dez. 2024. Texto traduzido do inglês para o português.



Princípios e Planos de acordo com Helena
Petrovna Blavatsky

O termo "akasha" é usado na literatura teosófica para se referir à matéria do terceiro plano (contando do tipo mais sutil ao mais denso). Em nossa Terra, corresponde ao plano mental ou manásico.

Embora falemos desses registros como estando no akasha, o teosofista C.W. Leadbeater explicou que eles são realmente formados "em planos muito além de qualquer um que possamos conhecer no momento". [3] Os registros verdadeiros não estão em nenhum dos planos terrestres, mas nos planos macrocósmicos:

Tudo o que acontece dentro de nosso sistema acontece absolutamente dentro da consciência de seu Logos, e assim vemos imediatamente que o verdadeiro registro deve ser Sua memória; e, além disso, é óbvio que em qualquer plano que exista essa memória maravilhosa, ela só pode estar muito acima de tudo o que conhecemos e, conseqüentemente, quaisquer registros que possamos ler devem ser apenas um reflexo desse grande fato dominante, espelhado em os meios mais densos dos planos inferiores. [4]

Assim, o clarividente vê os reflexos dos registros verdadeiros na matéria mental ou na luz astral. Novamente, nas palavras de CW Leadbeater:

A palavra ["registro akáshico"] é, na verdade, um tanto imprópria, pois embora os registros sejam indubitavelmente lidos do akâsha, ou matéria do plano mental, não é a ele que realmente pertencem. Pior ainda é o título alternativo, "registros da luz astral", que às vezes tem sido empregado, pois esses registros estão muito além do plano astral, e tudo o que pode ser obtido nele são apenas vislumbres quebrados de uma espécie de duplo reflexo de eles, como será explicado a seguir. [5]

Plano astral

Quando uma pessoa desenvolve a clarividência, o plano que se abre para sua percepção é aquele que está imediatamente "acima" do físico - o plano astral (também chamado de luz astral). HP Blavatsky explicou que neste plano podemos encontrar um registro de tudo o que aconteceu no passado:

De acordo com o ensino oculto, a luz astral é ... o registrador de cada pensamento; o espelho universal que reflete cada evento e pensamento como cada ser e coisa, animada ou inanimada. Nós o chamamos de o grande Mar da Ilusão, Maya. [6]

Como pode ser visto na citação, Mme. Blavatsky considera a luz astral como ilusória. Em seus escritos, ela adverte que "a menos que o clarividente ou vidente possa ir além deste plano de ilusão, ele nunca poderá ver a verdade, mas será afogado em um oceano de autoengano e alucinações. [7]

O clarividente CW Leadbeater explicou por que os registros vistos neste plano não são confiáveis. Ele escreveu:

No plano astral é imediatamente evidente... que aquilo com que estamos lidando é apenas um reflexo de um reflexo, e extremamente imperfeito, pois os registros que podem ser alcançados são



fragmentários ao extremo e, muitas vezes, gravemente distorcidos. Sabemos como a água é universalmente usada como símbolo da luz astral e, neste caso particular, é notavelmente adequada. Da superfície da água parada podemos obter um claro reflexo dos objetos circundantes, assim como de um espelho; mas, na melhor das hipóteses, é apenas um reflexo - uma representação em duas dimensões de objetos tridimensionais e, portanto, diferindo em todas as suas qualidades, exceto a cor, daquilo que representa; e além disso, é sempre invertida.

Mas deixe a superfície da água ser agitada pelo vento e o que encontramos então? Um reflexo ainda, certamente, mas tão fragmentado e distorcido que se torna inútil ou mesmo enganoso como um guia para a forma e aparência real dos objetos refletidos. Aqui e ali, por um momento, podemos obter um reflexo claro de alguma parte diminuta da cena - de uma única folha de uma árvore, por exemplo; mas seria necessário muito trabalho e considerável conhecimento das leis naturais para construir algo como uma verdadeira concepção do objeto refletido, reunindo até mesmo um grande número desses fragmentos isolados de uma imagem dele.

Agora, no plano astral, nunca podemos ter nada que se aproxime do que imaginamos como uma superfície imóvel, mas, ao contrário, sempre temos que lidar com alguém em movimento rápido e desconcertante; julgue, portanto, quão pouco podemos depender de obter uma reflexão clara e definida. Assim, um clarividente que possui apenas a faculdade da visão astral nunca pode confiar em qualquer imagem do passado que se apresente a ele como sendo exata e perfeita; aqui e ali alguma parte dela pode ser assim, mas ele não tem meios de saber qual é. [8]

Por esta e outras razões, a menos que uma pessoa seja especialmente treinada para o efeito, não é possível ler os registros com precisão neste plano. Em Mme. Palavras de Blavatsky:

Ver na luz astral não é feito através de Manas, mas através dos sentidos [psíquicos], e portanto tem a ver inteiramente com a percepção sensorial removida para um plano diferente deste, mas mais ilusório. O último observador ou juiz da percepção está em Manas, no Self; e, portanto, o tribunal final é obscurecido pela percepção astral se a pessoa não for treinada ou iniciada a ponto de saber a diferença e ser capaz de distinguir o verdadeiro do falso. [9]

Plano mental

Como a Sra. Blavatsky afirmou na citação anterior, a percepção direta ocorre no plano manásico ou mental, que é o plano do akasha. É neste plano espiritual que a verdade por trás das aparências pode ser percebida. O teosofista Geoffrey Farthing escreve:

Os níveis mais elevados de Akasha dizem respeito à tríade espiritual do homem, seu Ego [superior]. É dessa forma que o Ego pode ser considerado onisciente. Tem acesso, no Akasha, aos números de todos os fenômenos. Esta é propriamente a visão dos registros Akáshicos de que ouvimos falar. Muitas vezes, porém, essa expressão é usada para descrever o que é realmente a visão psíquica, a clarividência pessoal, na Luz Astral. Isso está longe da onisciência Egóica, uma diferença importante que deve ser observada. Somente um alto iniciado pode ver os níveis



espirituais de Akasha. [10]

O clarividente CW Leadbeater concorda com a ideia de que somente nesse nível os registros podem ser lidos com precisão. Ao falar das características gerais do plano mental, ele explicou:

Não devemos deixar de mencionar o pano de fundo sempre presente formado pelos registros do passado

– a memória da natureza, a única história realmente confiável do mundo. Embora o que temos neste plano ainda não seja o próprio registro absoluto, mas apenas um reflexo de algo ainda mais elevado, é de qualquer forma claro, preciso e contínuo, diferindo nisso da manifestação desconexa e espasmódica que é tudo o que o representa. no mundo astral. É, portanto, somente quando um clarividente possui a visão deste plano mental que suas imagens do passado podem ser confiáveis; e mesmo assim, a menos que ele tenha o poder de passar em plena consciência desse plano para o físico, temos que admitir a possibilidade de erros ao trazer de volta a lembrança do que ele viu. [11]

Neste ponto da evolução, relativamente poucas pessoas estão conscientes no plano mental quando o corpo está em transe ou dormindo. A capacidade de estar consciente neste plano enquanto permanece no estado de vigília é ainda mais rara e não pode ser alcançada sem um treinamento sistemático orientado por aqueles que já desenvolveram esta habilidade. Novamente, nas palavras de CW Leadbeater:

A leitura precisa dos registros, sejam de vidas passadas de alguém ou de outras pessoas, não deve, entretanto, ser considerada uma conquista possível para qualquer pessoa sem treinamento prévio cuidadoso. Como já foi observado, embora reflexões ocasionais possam ser feitas no plano astral, o poder de usar o sentido mental é necessário antes que qualquer leitura confiável possa ser feita. De fato, para minimizar a possibilidade de erro, esse sentido deve estar totalmente sob o comando do investigador enquanto estiver acordado no corpo físico; e para adquirir essa faculdade são necessários anos de trabalho incessante e rígida autodisciplina. [12]

Plano búdico

C.W. Leadbeater descreveu brevemente a visão desses registros no plano búdico da seguinte forma:

Grande interesse atribui-se à experiência do clarividente com referência a esses registros quando ele se encontra no plano búdico – o mais alto que sua consciência pode alcançar mesmo quando longe do corpo físico até que ele atinja o nível dos *Arhats*.

Aqui o tempo e o espaço já não o limitam; ele não precisa mais, como no plano mental, passar em revista uma série de eventos, pois o passado, o presente e o futuro estão simultaneamente presentes para ele, por mais sem sentido que isso soe aqui embaixo. [13]



Método

Como esses registros contêm todo o passado de tudo o que aconteceu, encontrar exatamente qual registro ler requerem determinado método. O médium não treinado normalmente usa a Psicometria, que exige a presença de um objeto físico relacionado a esse registro. C.W. Leadbeater explicou:

Como é possível, em meio à desconcertante confusão desses registros do passado, encontrar uma determinada imagem quando se deseja? De fato, o clarividente não treinado geralmente não pode fazê-lo sem algum elo especial para colocá-lo em contato com o assunto requerido. A psicometria é um exemplo, e é bastante provável que nossa memória comum seja realmente apenas outra apresentação da mesma ideia. É como se houvesse uma espécie de ligação ou afinidade magnética entre qualquer partícula de matéria e o registro que contém sua história - uma afinidade que lhe permite atuar como uma espécie de condutor entre esse registro e as faculdades de qualquer pessoa que possa lê-lo. [14]

No caso de um ocultista treinado, ele pode usar o poder de seu pensamento para recordar a cena em particular ou procurá-la nos registros:

Mesmo um clarividente treinado precisa de algum link que o capacite a encontrar o registro de um evento do qual ele não tem conhecimento prévio. Se, por exemplo, ele desejasse observar o desembarque de Júlio César nas costas da Inglaterra, havia várias maneiras pelas quais ele poderia abordar o assunto. Se por acaso ele tivesse visitado o local da ocorrência, a maneira mais simples provavelmente seria chamara imagem daquele local e depois percorrer seus registros até atingir o período desejado. Se ele não tivesse visto o local, ele poderia voltar no tempo até a data do evento e então procurar no canal uma frota de galeras romanas; ou ele pode examinar os registros da vida romana naquele período, onde não teria dificuldade em identificar uma figura tão proeminente como César.[15]

- Vicente Hao Chin, Jr., The Mahatma Letters to AP Sinnett in cronological sequence No. 130 (Quezon City: Theosophical Publishing House, 1993), 433.
- Charles Webster Leadbeater, Clarividência, (Adyar, Madras: The Theosophical Publishing House, 1986), 69.
- Charles Webster Leadbeater, Clarividência, (Adyar, Madras: The Theosophical Publishing House, 1986), 119.
- Charles Webster Leadbeater, Clarividência, (Adyar, Madras: The Theosophical Publishing House, 1986), 123-124.
- Charles Webster Leadbeater, Clarividência, (Adyar, Madras: The Theosophical Publishing House, 1986), 118.
- Helena Petrovna Blavatsky, The Theosophical Glossary (Krotona, CA: Theosophical Publishing House, 1918), 35.
- Helena Petrovna Blavatsky, Collected Writings vol. X (Wheaton, IL: Theosophical Publishing House, 1988), 361.
- Charles Webster Leadbeater, Clarividência, (Adyar, Madras: The Theosophical Publishing House, 1986), 124-125.
- Helena Petrovna Blavatsky, Collected Writings vol. IX (Wheaton, IL: Theosophical Publishing House, 1974), 400-G.
- Geoffrey Farthing, Explorando o Grande Além, (Wheaton, IL: The Theosophical Publishing House, 1978), 90-91.
- Charles Webster Leadbeater, The Devachanic Plane, (Adyar, Madras: The Theosophical Publishing House, 1909), 28.
- Charles Webster Leadbeater, Clarividência, (Adyar, Madras: The Theosophical Publishing House, 1986), 148-149.
- Charles Webster Leadbeater, Clarividência, (Adyar, Madras: The Theosophical Publishing House, 1986), 132.
- Charles Webster Leadbeater, Clarividência, (Adyar, Madras: The Theosophical Publishing House, 1986), 139.